

## A ABORDAGEM DO PRINCÍPIO SOMÁTICO- PERFORMATIVO *FLÂNEUR CEGO* COM MÃES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA APAE DE SENHOR DO BONFIM – BA

*Carlos Alberto Ferreira da Silva<sup>1</sup>*  
<https://orcid.org/0000-0002-5601-7990>

### RESUMO:

Pretende-se, com este artigo, abordar a prática do princípio somático-performativo Flâneur Cego, realizada com mães, cujos filhos e filhas são pessoas com deficiência. A proposta de escrita emerge dos resultados do Projeto de Pesquisa A encenação somático-performativa e seu desdobramento político e social na vida urbana pela perspectiva da Educação Inclusiva, iniciado em 2019, na Universidade do Estado da Bahia, em Senhor do Bonfim. As referências deste texto surgem através de entrevistas com mães que possuem filhos e filhas com deficiência, que buscam, por meio de uma experiência com a prática somático-performativa trabalhar as insatisfações recorrentes da falta de inclusão e de acessibilidade do sujeito com deficiência.

Palavras-chave: Flâneur Cego; Mães; Pessoa com deficiência.

## THE APPROACH OF THE SOMATIC-PERFORMATIVE PRINCIPLE *BLIND FLÂNEUR* WITH MOTHERS OF PEOPLE WITH DISABILITIES FROM APAE OF SENHOR DO BONFIM (BRAZIL)

### ABSTRACT

*The aim of this article is to approach the practice of the somatic-performative principle Blind Flâneur, performed with mothers, whose sons and daughters are people with disabilities. The writing proposal emerges from the results of the Research Project The somatic-performative urban and its political and social unfolding in urban life from the perspective of Inclusive Education, started in 2019, at the State University of Bahia, in Senhor do Bonfim. The references of this text arise from interviews with mothers who have children with disabilities, who seek through an experience with somatic-performative practice to work all recurrent dissatisfactions from the lack of inclusion and accessibility with the disabled subject.*

*Keywords: Blind Flâneur; mothers; person with disabilities.*

---

<sup>1</sup> **Carlos Alberto Ferreira da Silva** é encenador, performer, ator e produtor teatral. Doutor e Mestre em Artes Cênicas pela *Universidade Federal da Bahia* (UFBA), com período de doutorado-sanduiche na *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3*. Também é licenciado e bacharel em Artes Cênicas pela *Universidade Federal de Ouro Preto* (UFOP). Atua como educador Adjunto do curso de Teatro da *Universidade Federal do Acre* (UFAC). E-mail: [carlosferreira1202@gmail.com](mailto:carlosferreira1202@gmail.com).



Durante os anos de 2019 a 2020, como educador no curso de Teatro da Universidade do Estado da Bahia na cidade de Senhor do Bonfim-BA, realizei uma pesquisa na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais<sup>2</sup> (APAE) com mães de pessoas com deficiência que frequentavam a referida Associação. Com o título *A encenação somático-performativa e seu desdobramento político e social na vida urbana pela perspectiva da Educação Inclusiva*, a proposta deste trabalho visava desenvolver uma reflexão sobre o papel da mãe de filhos e filhas com deficiência no contexto de uma cidade interiorana e no sertão da Bahia, discutir a dificuldade de romper certa relação de codependência entre a mãe e o sujeito com deficiência durante as oficinas de teatro, e compreender como se dá o processo de aceitação, no âmbito social, desse filho e/ou filha com deficiência.

O interesse por essa Associação surgiu em minha cidade natal, Dolores de Campos-MG, devido a ações voluntárias realizadas no espaço, mas, ao iniciar minha vida universitária em Ouro Preto, participei do projeto Cia. da Gente<sup>3</sup>, realizado pela Fundação Gorceix em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto, que atendia, na época, a quatro instituições: APAE, Pastoral da Criança, Hospital Santa Casa Misericórdia e o Asilo São Vicente de Paulo. Durante o período de participação nesse projeto, observei, por meio da prática, o quão importante eram as vivências teatrais com alunos e alunas da instituição, pois o fazer teatral proporcionava uma maior interação social, envolvendo o sujeito, a família e a instituição, estimulando uma vivência e uma criação artística pelo sensível. As consequências dessa experiência em Ouro Preto-MG, ampliou os meus interesses no âmbito educacional, buscando

---

<sup>2</sup> A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) foi criada a partir do posicionamento de uma senhora de nome Beatrice Bemis, que havia chegado ao Brasil procedente dos Estados Unidos. Mãe de uma menina com Síndrome de Down, ficou admirada, em sua chegada ao país, e ao perceber que não existia um lugar apropriado para auxiliar pessoas com deficiência, pois, ciente que em seu país já existiam algumas fundações voltadas para esse público. Em 1954, motivada por essa questão, Beatrice Bemis reuniu um grupo de amigos, educadores e médicos e fundou, no Brasil, a primeira sede da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais na cidade do Rio de Janeiro. Na cidade de Senhor do Bonfim, a APAE foi fundada em 2019, após anos de mobilização e envolvimento entre comunidade e poder público, apresentando dados sobre a região do Piemonte Norte do Itapicuru, que identificava a necessidade da implementação da Associação no referido contexto.

<sup>3</sup> Cia. da Gente, projeto iniciado pela Fundação Gorceix, em 2006, e institucionalizado pela Universidade Federal de Ouro Preto, em 2008, em vigência até o presente ano. O Cia. da Gente tem como objetivo planejar, executar e avaliar ações pedagógicas de cunho artístico/cultural voltadas para o público alvo do projeto, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto, Santa Casa, Pastoral da Criança e Asilo São Vicente de Paulo; visando assim contribuir para uma maior inclusão social e inserção social dos sujeitos atendidos.



identificar a relação da arte contemporânea com a educação inclusiva, aumentando meu interesse pelos estudos teóricos e práticos acerca do tema de pessoas com deficiência. Dessa forma, como docente de uma instituição pública, quis propor uma pesquisa a partir do que muito me interessa nos dias atuais, a saber: o Teatro e a Educação Inclusiva.

A atividade prática do projeto *A encenação somático-performativa e seu desdobramento político e social na vida urbana pela perspectiva da Educação Inclusiva* consistiu em oficina de teatro realizada na APAE de Senhor do Bonfim a partir do princípio somático-performativo *Flâneur Cego*<sup>4</sup>. Nesse artigo, buscarei apresentar alguns resultados dessa pesquisa através dos dados coletados em seu desenvolvimento.

O projeto foi realizado dentro do eixo de pesquisa e extensão da Universidade, dessa forma, um grupo de alunos e alunas bolsistas integraram nossa equipe, sendo eles: Natália Agla<sup>5</sup>, Mariah Castilho, Cláudia de Souza, Ícaro dos Santos, Bianca Batista e Antônia Paula Oliveira<sup>6</sup>. O grupo buscou compreender inicialmente o público com que iríamos trabalhar, conhecendo a deficiência de cada aluno/aluna, o contexto e a realidade desses sujeitos. Para melhor atender a essa demanda, fizemos uma anamnese<sup>7</sup>, de modo que pudéssemos compreender, ainda que parcialmente, o contexto dos alunos e alunas.

Para tanto, algumas perguntas foram elaboradas no intuito de termos uma perspectiva do público das aulas de teatro: *Nome, Idade, Telefone, Endereço, Com quem mora, Escola, Deficiência, O que eles/elas fazem quando estão em casa, Quais remédios tomam, Horário e Dosagem, Atividades dos responsáveis*. Dessa forma, identificou-se um número de 16 crianças, com uma faixa etária entre 7 a 12 anos, sendo que 12 tinham Transtorno do

---

<sup>4</sup> O termo *Flâneur Cego* será melhor apresentado ao longo do texto.

<sup>5</sup> Natália Agla foi bolsista de Iniciação Científica deste projeto, bem como participou do Projeto de Extensão *Teatro e Educação Inclusiva: uma proposta pedagógica na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Senhor do Bonfim*. Neste artigo, Natália foi a responsável por realizar as entrevistas com as mães Natália Freitas Sales e Marcia Pereira de Jesus.

<sup>6</sup> Antônia Paula foi bolsista de Iniciação Científica deste projeto, bem como participou do Projeto de Extensão *Teatro e Educação Inclusiva: uma proposta pedagógica na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Senhor do Bonfim*. Neste artigo, Antônia foi a responsável por transcrever as entrevistas das mães Natália Freitas Sales e Marcia Pereira de Jesus.

<sup>7</sup> “Anamnese” é um procedimento realizado por profissionais de diferentes áreas de ensino e da saúde, realizado junto ao estudante, bem como ao paciente, cuja intenção é chegar em algum diagnóstico de uma doença, ou uma resposta humana e social sobre o sujeito em questão.



Espectro Autista (TEA); 4 com Deficiência Intelectual (DI); 2 com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH); que participariam dos encontros, sendo que algumas das crianças tinham deficiência intelectual, acompanhado de autismo.

Durante as aulas, nesse processo inicial e de conhecimento entre a equipe que as ministraria, os estudantes do Curso de Teatro e os discentes da APAE, percebemos o quanto a presença da mãe era frequente na vida e no contexto desses sujeitos, ressaltando-se que, durante as aulas, a presença delas tornava-se determinante para a realização da prática. Isto é, muitas vezes, para a criança se envolver na atividade proposta pelo monitor ou pela monitora das aulas de teatro, participando do jogo teatral, do alongamento, da contação de histórias, era notório o comando advindo da figura materna. Dessa forma, a pessoa responsável pela condução do estudante do Curso de Teatro encontrava certa dificuldade de estabelecer um vínculo com os discentes, em função da codependência desenvolvida entre as pessoas com deficiência e as mães, afetando o desenvolvimento da autonomia desses sujeitos.

Durante o processo, observamos que havia uma relação de dependência, pois o aluno e/ou a aluna só realizavam as práticas se as mães estivessem por perto ou se pronunciassem: “Vai lá fazer!”, “Será bom pra você!”, “Vai! Eu estou aqui!”, “Deixa disso menino! Vai lá!”. Situações essas de apego se revelam, sobretudo, para as crianças com autismo, pois alguns sintomas, como a dificuldade de comunicação, com interações sociais, interesses obsessivos e comportamentos repetitivos, presentes em pessoas com TEA. No entanto, as mães que acompanhavam as aulas, acreditavam que trazer essas frases de comando contribuiriam para o discente participar das atividades, sendo uma relação que conotava mais um viés de pertencimento e de assistencialismo, do que pedagógico para aquela situação.

Romper com esta prática, que implica numa política puramente assistencialista para as pessoas com deficiência, torna-se de fundamental importância, pois a proposta da estadunidense Beatrice Bemis, com a criação da APAE, era justamente proporcionar autonomia à filha com Síndrome de Down, ao lado de um grupo de pais, amigos, educadores e profissionais, de modo que ela pudesse se nutrir de diferentes experiências e estágios no processo formativo, que acreditamos ser coletivo, mas, também, pessoal.



Ao analisar o andamento da situação com as mães na APAE de Senhor do Bonfim, propus, então, que as mães ficassem em outro espaço durante o momento da realização das aulas de teatro, de modo que pudéssemos trabalhar a autonomia desses discentes para além da relação com as mães. Sendo assim, a convivência entre os docentes do curso de teatro com os discentes com deficiência criariam uma postura de investigação, de criação e de afeto, propondo assumir, por meio das experiências teatrais, uma participação efetiva como sujeitos sócio-histórico-culturais.

Dessa maneira, nos propusemos a estimular um estado de autonomia a partir do qual o sujeito com deficiência, dentro das suas investigações, criasse um espaço de interação, mediação e aprofundamento consigo e com o outro, sendo o educador o responsável por mediar o acesso à vivência. Para Paulo Freire (2004, p. 25), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Assim, no intuito de provocar essa autonomia no estudante com deficiência, mas respeitando a singularidade e o tempo de cada pessoa participante, solicitamos que as mães fossem para um outro espaço, cabendo a mim realizar uma prática com elas.

Nesses encontros, houve a participação efetiva de 8 mulheres, sendo que 7 eram mães de crianças com autismo e deficiência intelectual e 1 era avó (paterna) de uma criança com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Nos relatos apresentados na anamnese, no quesito “Atividades dos responsáveis”, essas mulheres responderam: cuidar das crianças na maior parte do dia; arrumar a casa; confeccionar materiais manuais, como crochê, tricô e bordados; realização de trabalhos informais para contribuir com a renda. Por fim, dessas 8 mulheres, apenas 2 tinham a participação dos companheiros; as demais declararam morar com suas respectivas mães (avó das crianças) ou sozinhas.

O interesse em trabalhar com as mães partiu dessa questão acerca da *superproteção* e dos sentimentos que as atravessam o cotidiano dos envolvidos, a responsabilidade de serem mães de filhos e filhas com deficiência. Dessa forma, o intuito do projeto era propor uma experiência somática com mulheres que vivem, desde a gestação, traumas, dificuldades, dores, mas também alegria e força, para resistirem e lutarem por um país **ainda** sem acessibilidade e sem condições de proporcionar uma vida de direito a todas e todos, sejam com ou sem deficiência. Por



isso, com base nos estudos realizados, ao longo do curso de Doutorado na Universidade Federal da Bahia, entre os anos de 2014 e 2018, busquei com a pesquisa *Cidade Cega: Uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade*, realizar uma vivência sensorial, adotando a supressão da visão, como estratégia, para intensificar a percepção dos outros sentidos sobre a cidade. A escolha foi, portanto, partir de uma abordagem somático-performativa como princípio para trabalhar com os atores e as atrizes com deficiência visual.

Em minha tese de doutorado, realizei uma investigação conceitual do princípio somático-performativo, *Flâneur Cego*, a partir da experiência realizada na encenação somático-performativa *Cidade Cega*<sup>8</sup>. A Pesquisa somático-performativa vem contribuindo com estudos e pesquisas nas Artes, pois é uma área de pesquisa da cena e para a cena que auxilia o artista-pesquisador<sup>9</sup> a ter uma habilidade única: transformar dicotomias seculares em modos somáticos e ecológicos de vida contemporânea com/pela prática como pesquisa. Alguns princípios de/em movimento foram desenvolvidos pela pesquisadora e artista Ciane Fernandes, a partir da interface entre as seguintes vertentes e métodos:

*[...] performance, dança-teatro, Análise Laban/Bartenieff de Movimento (Laban/Bartenieff Movement Analysis - LMA), Movimento Autêntico (Authentic Movement) e educação somática. Apesar das cinco vertentes terem aspectos estruturantes na configuração da abordagem, optou-se pela denominação dos dois campos mais abrangentes – educação somática e performance –, que englobam, respectivamente, aspectos de integração e cênicos, presentes também nos demais métodos e tendências. Além disso, a associação destas cinco vertentes é coerente com a história das artes cênicas, pois a obra de Rudolf Laban influenciou o desenvolvimento da dança-teatro; do Movimento Autêntico, da performance e da educação somática (FERNANDES, 2013, p. 105).*

Dentre os estudos de Ciane Fernandes, até o presente momento, já foram identificados vinte princípios em processos somático-performativos, que emergiram

---

<sup>8</sup> Teaser da encenação somático-performativa **Cidade Cega**, encenada em 2015. [https://www.youtube.com/watch?v=aSadLmq\\_bVY&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=aSadLmq_bVY&t=5s). Acessado em 25 de junho de 2020.

<sup>9</sup> Vale ressaltar, que o processo de pesquisa desse princípio iniciou-se em uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, “TEA 794 – Atividade Laboratório de Performance” (com 8h semanais). Atividade obrigatória do Mestrado e do Doutorado em Artes Cênicas com Encenação. O componente coordenado por Ciane Fernandes, artista, pesquisadora e docente da Universidade Federal da Bahia, que, ao longo dos últimos vinte anos, vem estudando, fundamentando e pesquisando sobre a Pesquisa somático-performativa nas Artes Cênicas.



enquanto conceitos-chave: quatro fundantes, doze temáticos e mais quatro contextuais. Todos os princípios encontram-se no texto *Princípios Somático-Performativos no Ensino e Pesquisa em Criação* (2013), bem como em seu livro *Dança Cristal: Da Arte do Movimento à Abordagem somático-performativa* (2018). O princípio somático-performativo *Flâneur Cego* é identificado, a partir dos meus estudos enquanto pesquisador que, após anos de trabalho com Ciane Fernandes, permitiu na Tese supracitada, a sua catalogação do princípio cunhado como uma ramificação do *flâneur*.

O intuito do princípio somático-performativo *Flâneur Cego* está na compreensão da forma como os termos se estabelecem, pois, a principal diferença do *flâneur* “convencional” para o “cego” está na supressão da visão, tornando-se o meio para intervir na proposta, por uma via poética, de modo a percebê-la, por outros ângulos, pela via sensorial. Além disso, as narrativas assumidas pela prática do *Flâneur Cego*, como abordagem investigativa, adquirem um estado político/reflexivo pela experiência. Por fim, o princípio revela-se através da prática do corpo, questões atuais referentes ao cotidiano, à vida pessoal, à relação com o outro, no intuito de apresentar às/aos participantes aquilo que não se enxerga, mesmo tendo os olhos e podendo ver.



**Imagem 01. Encontros com as mães na APAE de Senhor do Bonfim.** Foto: Ícaro dos Santos, 2019.



Ao realizar um processo com mães que possuem filhos e filhas com deficiência, torna-se necessário abrir-se para as experiências, que foram reveladas durante as práticas, tais como: a questão do medo, da solidão, do barulho, da sensibilidade, do emocional, entre outras. Torna-se necessário fazer com que elas (as mães) se desliguem, momentaneamente, do filho e da filha e busquem uma vivência consigo mesmas. Nesse sentido, um importante benefício das vendas está relacionado à concentração, pois facilmente há uma dispersão, muitas vezes, devido à dificuldade em compreender a condução do exercício. “Mas, com o auxílio da audiodescrição, os envolvidos começavam a perceber mais o próprio corpo, a se situarem com o espaço e com o outro, a partir de uma perspectiva de conexão tanto internamente (somática), quanto externamente (performativa) com o princípio somático-performativo do *Flâneur Cego*” (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 107):

*A venda sobre os olhos se torna importante para o trabalho a ser realizado, pois, a princípio, a experiência do sujeito com a prática precisa ser pessoal e íntima, buscando sentir suas inquietações para compreender a totalidade do próprio corpo, uma conexão com o corpo, [com o se sentir mulher], uma experiência umbilical (FERREIRA DA SILVA, 2018, p. 107).*

Essa noção umbilical, de proximidade, tem um significado de sentir a vivência, com os olhos vendados, para além dos problemas cotidianos, intensificando os sentidos, relacionando os desejos, as emoções. Assim, a prática possui um lugar de mapear o tempo e espaço das ações, que ocorrem na vida cotidiana do sujeito, e como essas ações de andar com os olhos vendados reverberam no sujeito que a realizam. Através de perguntas, interação com os sujeitos ocultos, busca-se uma relação com esse espaço inteiramente normativo, por isso, compreender as “perguntas são parte fundamental do processo individual e coletivo, pois direcionam com flexibilidade, abrem caminhos e levantam direções possíveis, ao invés de focar em temas isolados” (FERNANDES, 2014, p. 89). Dito de outra forma, trazer perguntas para serem trabalhadas com as mães contribuam para a compreensão do que as move politicamente e socialmente.

Em um dos encontros com essas mulheres, durante a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla, em 2019, em uma sala fechada, em um determinado momento sem as vendas, de modo que elas pudessem criar confiança



entre si, propus que brincassem com bexigas no espaço. Podiam jogar bexigas entre elas; dançar, correr, esconder, cuidar da bexiga; mas, podiam optar por não se relacionar com ninguém e ter uma interação única com a bexiga. Em um determinado momento, solicitei para que cuidassem desse elemento, que esse fosse algo muito precioso, de tal forma que ninguém pudesse estourar, tocar ou invadir esse espaço de proteção. Passados alguns minutos, pedi que, entre elas, restassem apenas uma bexiga, ou seja, teriam que estourar a bexiga da colega, caso desejassem a vitória. O jogo se deu dessa maneira: apenas as mães estavam nesse espaço, de modo que pudessem se atentar à proposta, sem filhos e filhas próximos, pois o barulho de estourar bexigas deixa crianças com autismo muito agitadas, devido à alta sensibilidade sonora, que elas possuem.

A questão é que houve um divertimento inicial entre elas; mas as bexigas passaram a representar o contexto dessas mulheres e, a cada estouro, as vozes começaram a sair, à medida que perguntas eram feitas para elas: “Vocês são felizes?”, “Vocês gostariam de mudar algo?”, “Vocês se arrependem de algo?”. A partir desse momento, as mães começaram a soltar, por meio de palavras, seus sentimentos, as dores, as angústias e as tristezas, que referenciavam insatisfação. Elas narraram como é grande a dificuldade de compreender o que é ser mãe de uma pessoa com deficiência, principalmente, por vivenciarem essa prática sozinhas, sem ajuda. Trouxeram também a questão de quererem ajudar na melhoria dos filhos e das filhas, mas não conseguindo médicos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, dentre tantas outras necessidades, pois não há vagas, o tratamento é demorado, o diagnóstico é lento e, ao longo do processo, tudo fica a cargo da mãe solucionar. Muitas pediam um mundo mais inclusivo; falavam que as pessoas deveriam entender minimamente a dificuldade de tentar conter um filho com autismo, durante uma crise, em público, pois a criança se bate, grita, arranha, ou seja, não consegue se conter, e a mãe se sente constrangida e com vergonha dessa situação; algumas queriam mudar os filhos e filhas; outras queriam mudar a sociedade.

Houve mãe que respondeu, “Se eu pudesse escolher, eu não gostaria de ter um filho com deficiência”, tal fala refletia uma tristeza, não pela criança, mas pela realidade



da vida de não senti-la incluída. Para Natalia Freitas Sales<sup>10</sup>, mãe de um filho com autismo, durante entrevista concedida ao projeto de pesquisa, ao responder as seguintes questões: “Você mudaria algo se fosse possível? Em quê? Em você? Na sociedade? Na sua vida?”, constatamos:

*Eu não vou ser hipócrita se eu falar que não mudaria. Eu passei por um processo muito grande de depressão, porque eu ouvia todas as mães que tem filhos com deficiência, falando assim, “que considerava um dom de Deus e que elas tinham sido escolhidas por Deus para ter uma criança assim”. E aí, eu entrei num processo muito grande, porque eu achava que eu tinha um bom relacionamento com Deus. Logo, eu tendo um bom relacionamento com Ele, Ele me conhece e deveria saber que eu não estava preparada para isso. Logo, se isso aconteceu, então, Ele não me conhecia. E não tínhamos um bom relacionamento. Então assim, foi uma fase que eu passei muito difícil. Porque assim, se eu pudesse mudar isso em meu filho, eu mudaria. Mas não por mim, por ele. Porque eu entendo o que essa condição traz para essa pessoa. O autismo vai dificultar a vida dele em muitas coisas. Ele vai precisar de tratamento para conseguir fazer coisas que outras pessoas “dentro do padrão normal” conseguem. Então, se eu pudesse mudar, eu mudaria a condição dele sim. Para melhorar a vida dele, não é só por mim, é mais por ele. Porque eu entendo que não vou estar sempre aqui; entendo que eu queria que ele tivesse uma vida diferente; que ele não precisasse de tanto tratamento, de tanta atenção quanto ele precisa. (SALES, Natalia Freitas. Entrevista, 2020).*

São através desses relatos, que temos um pouco da noção do que é, para elas, serem mães, os papéis e as funções que assumem. Por exemplo, ao indagar Marcia Pereira de Jesus<sup>11</sup>, mãe de um filho com autismo, que também participou do projeto, durante a entrevista, em uma das perguntas, ao ser questionada se já havia passado por algum constrangimento, como resposta, trouxe a questão do *olhar*. Ou seja, em determinadas situações, as pessoas não falavam nada, mas olhavam para o filho, querendo julgá-lo, como se o sujeito não fosse comportado, como se a culpa dele não ficar “quieto” fosse da mãe, como se ela não o educasse. São momentos como esses que, às vezes, a deixam desconfortável. Mesmo diante de tantas questões Marcia afirma que não mudaria nada em seu filho, mas mudaria coisas que são provenientes do autismo. Dessa forma, ao responder a mesma questão realizada às demais mães “Você mudaria algo se fosse possível? Em quê? Em você? Na sociedade? Na sua vida?”, declara:

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Natalia Freitas Sales. Sobre ser mãe de um filho com deficiência. [04 de fevereiro de 2020]. Entrevistadora: Natália Agla Angelim de Oliveira. Senhor do Bonfim, Bahia, 2020. arquivo.mp3 (11’04”).

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Marcia Pereira de Jesus. Sobre ser mãe de um filho com deficiência. [04 de fevereiro de 2020]. Entrevistadora: Natália Agla Angelim de Oliveira. Senhor do Bonfim, Bahia, 2020. arquivo.mp3 (11’06”).



*Por ele ser autista não. Mas, mudaria algumas coisas que atrapalham ele, que é: a batida de palma e a movimentação [do tronco] para frente e para trás, pois esses movimentos desconcentram ele. Em mim, acho que a paciência. Às vezes me falta paciência. Por mais que eu tenha carinho, tenha amor, e ele me dá também. Infelizmente, [em algumas situações] eu acabo saindo do controle, às vezes posso gritar com ele, mas ele não gosta que grite. Então, é isso, o que eu gostaria de ter é mais paciência. Eu gostaria de uma sociedade mais humana, e menos preconceituosa. Tem muito preconceito. (JESUS, Marcia Pereira de. Entrevista, 2020).*

Durante esses encontros com as mães, na APAE, o primeiro sentimento que percebo, nas conversas realizadas com essas mulheres, é o de questionamento do motivo pelo qual aquilo está acontecendo, além de uma série de tantos outros sentimentos que repercutem no contexto social e cultural da sociedade e que afetam o cotidiano dessas mulheres. Por isso, a realização de eventos que englobam as mães de pessoas com deficiência na APAE de Senhor do Bonfim-BA objetivam chamar a atenção para as reflexões que envolvem os filhos e filhas com deficiência, discutindo tendências de desativação presentes nas estruturas da sociedade moderna, e configurar mecanismos que possam gestar políticas, teorias e práticas que confrontem tal situação por meio de ações teatrais e performativas.

Para Cristina Gonçalves<sup>12</sup>, uma mulher negra com deficiência visual, mãe de dois filhos e avó de uma bebê, atriz e socióloga, e membro do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão, declara: “quando essas mulheres começam a perceber que, ou elas vão à luta e começam a brigar pelos direitos dos filhos, pelas políticas públicas para os filhos, ou elas entram num processo de deficiência psicossocial” (entrevista, fevereiro de 2020<sup>13</sup>). A declaração de Cristina enfatiza o quanto o início do processo é árduo, pois não é fácil ser uma pessoa com deficiência, bem como não é fácil ser mãe de uma pessoa com deficiência.

Eis a questão: a mãe cuida do filho ou da filha, sua atenção se volta para esses sujeitos, que requerem inúmeros cuidados. Mas e a mãe? Quem cuida dela? Ela que nunca teve contato com uma pessoa com deficiência, nunca pensou em inclusão, em

<sup>12</sup> Clarissa Cristina Oliveira Gonçalves, conhecida como Cristina Gonçalves. É do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão; militante de vários seguimentos na área da pessoa com deficiência no Estado da Bahia. Em 2015, integrou o elenco da encenação somático-performativa Cidade Cega.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por GONÇALVES, Clarissa Cristina Oliveira. Entrevista I [27 de fevereiro de 2020]. Entrevistador: Carlos Alberto Ferreira da Silva. Salvador, Bahia, 2020. arquivo.mp3 (20'12”).



acessibilidade, em condições e aparatos para contribuir para a vida do sujeito que possui uma deficiência. Reitero: Como ajudar? Quem ajuda? Diante de tantos questionamentos, o que se percebe na prática é uma anulação de si para atender as demandas dos filhos e das filhas. E nesse ponto, as palavras de Cristina Gonçalves tornam-se importantíssimas, sobretudo, quando relata sobre o papel de ser mãe de uma pessoa com deficiência e os enclaves que isso pode causar. Para ela,

*os trabalhos das mães são importantíssimos. Primeiro, quando elas têm a consciência que seus filhos virarão cidadãos; a participação da família em busca dos direitos e das políticas públicas também é de uma importância gigantesca. Porém, nós temos aí uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo que as mães se tornam grandes militantes, elas esquecem que a condição de pessoa com deficiência é do filho, e não dela. Isso que a gente precisa pensar, até que ponto isso é salutar para a pessoa com deficiência. É salutar ter uma família que o apoie e que esteja lutando ombro a ombro com ele. (GONÇALVES, Clarissa Cristina Oliveira. Entrevista, 2020).*

A experiência, ao longo desses anos, trabalhando o teatro com pessoas com deficiência, trouxe-me um olhar afetoso pelas mães que encontrei nesse trajeto. Sempre presentes, atentas ao desenvolvimento dos filhos e das filhas, preocupadas com o avanço e a resposta, em cada exercício, vibrantes e felizes a cada proposta realizada e executada por eles. Mas, diante de certa tendência a cuidados excessivos, na função de mãe, o meu olhar sobre elas trazia curiosidade em conhecê-las para além dessas situações. Por isso, entendo que o projeto de pesquisa me possibilitou abrir uma porta necessária de investigação, no contexto atual, sobre a necessidade urgente de trabalhar com essas mães.

Dessa forma, acredito que a abordagem do princípio somático-performativo *Flâneur Cego* com mães de pessoas com deficiência possibilitou uma proposta de encontro pessoal consigo mesmas e com outras mães que vivenciam situações semelhantes. Na ocasião da pesquisa, elas tiveram a chance de trabalhar o próprio corpo, de tocar na pele, no cabelo, de se tocar e tocar as outras que participavam das ações, houve o momento de se voltarem para as ações artísticas, interagindo com a natureza, de dançar com os olhos vendados sem ter que se preocupar com o olhar do outro, com o pensamento do que o outro estava achando etc. Assim, a investigação somática trouxe as inquietações e as angústias para o trabalho proposto, durante todas as ações realizadas na APAE.



Na prática, a abordagem do princípio somático-performativo *Flâneur Cego* ocorreu duas vezes por semana, com dois núcleos: um núcleo de segunda-feira; e o outro, de sexta-feira, uma vez que os filhos e filhas dessas mães estavam presentes, nesses respectivos dias, para as aulas de teatro. Vale ressaltar que também houve encontros com todas as participantes conjuntamente. Apesar de vivenciarem algumas situações e práticas com os olhos abertos, a abordagem do trabalho com elas, ao longo do laboratório prático, se deu através do princípio somático-performativo *Flâneur Cego*, isto é, com os olhos vendados.

Os encontros buscavam uma relação com a natureza; traziam uma discussão política, que as faziam refletir sobre os aspectos da acessibilidade e da inclusão no contexto do sertão da Bahia, pois, algumas moravam na zona rural. De acordo com os relatos, algumas tinham dificuldade de realizar ações que seriam de suma importância para o próprio filho e filha; outros relatos estavam diretamente ligados ao desenvolvimento dos filhos e das filhas nas escolas, momento, em que traziam os exemplos sobre a falta de acessibilidade e de inclusão no espaço educacional. Portanto, apesar deste estudo do princípio somático-performativo *Flâneur Cego* ainda estar em fase de composição e descoberta, compreendo o quanto o trabalho com essas mães estimulou um processo de autonomia e de fortalecimento entre elas.



**Imagem 02. Encontro com as mães durante a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla, na Universidade do Estado da Bahia. Foto: Gilson Bezerra, 2019.**



A experiência com esses corpos/mães revela uma fissura aberta diante de algumas questões levantadas pela sociedade, principalmente, por darem títulos como, “mulher heroína”, “acontece isso na sua vida porque Deus sabe que você dará conta”, “você é mulher forte”, “guerreira”, mas a fala da mãe Natalia Freitas Sales, como pudemos observar, expressa-se justamente esse lugar sensível, de entender que muitas vezes não estão preparadas, não são fortes suficientes, sofrem e querem dizer e se revoltar diante de várias situações que acontecem nesse percurso. Por isso acreditamos que a vivência do princípio somático-performativo *Flâneur Cego* provoca um impacto que faz com que a mãe participante perceba nas questões que atravessam elas e os outros.

Nessa experiência, buscamos a vivência do movimento que se torna constante, de tal modo que os *flâneurs cegos*, no caso, as mães, quando começaram a ter confiança no coletivo, compreenderam que o estado performativo, gerado pelo corpo *flâneur*, instiga a memória emocional e transforma as questões em movimento e palavras. Ao longo dos encontros, elas começaram a falar sobre a dificuldade ao se sentirem sozinhas, sem ninguém; mas confiantes nesses encontros que surgem e contribuem para um movimento de fortalecimento entre corpos.



**Imagem 03: Encontros com as mães na APAE de Senhor do Bonfim-BA.** Foto: Ícaro dos Santos, 2019.



Por isso, criar uma abordagem, em que as mães assumam um estado de *Flâneur Cego*, amplia as conexões com o próprio interior, de tal modo que a lógica é modificada, pois o ser humano se torna um participante, mas, em uma situação diferenciada do cotidiano. O cotidiano, muitas vezes, se estabelece numa réplica constante, numa vida de “repetição” diária, numa rotina que consiste em realizar, diariamente, as mesmas coisas; mas a experiência do *Flâneur Cego* inverte esse contexto do cotidiano maquinal, mecânico e repetitivo, possibilitando um estado de experiência do corpo, fazendo com que o sujeito vivencie um padrão de movimento, gerado de uma prática com a sua própria história, mas ainda considerado incomum aos seus hábitos diários. Em vários momentos, o corpo se tornava um espaço destinado à criação, à terapia, ao experimentar.

Portanto, através da realização da abordagem do princípio somático-performativo *Flâneur Cego*, com mães que possuem filhos e filhas com deficiência, percebe-se a importância de enfatizar uma luta por seus direitos, na busca de um espaço de igualdade na sociedade: nós, pesquisadores; nós, família; nós, agentes da área da saúde; nós da educação, nós da área de arte não podemos excluir do processo as pessoas com deficiência. De acordo com Cristina Gonçalves, muitas vezes, isto ocorre com as mães:

*As mães estão tão avivadas dentro deste processo, muitas não permitem que seus filhos sejam os protagonistas diante da sua história. Aí está o entrave, porque entender que a pessoa com deficiência necessita de políticas públicas e que necessita da luta, é uma coisa. Mas a partir do momento que você vivencia a vida dessa pessoa com deficiência, não dando a ela o direito de se exercitar totalmente enquanto cidadão, aí você já cria uma situação de assistencialismo. (GONÇALVES, Cristina. Entrevista, 2020).*

Dessa forma, apesar de todas as questões que envolvem o ser mãe de uma pessoa com deficiência, necessitamos compreender que a pessoa com deficiência é promotora dos seus direitos e protagonistas dos seus deveres. Cada corpo possui seus limites e suas diferenças, cabe à família assessorar e mediar essa prática social, mas, não transformar esse amor e esse cuidado em posse.

Assim, vale ressaltar que as contribuições do princípio somático-performativo *Flâneur Cego* com as mães, colaborou com discussões que envolvem as dificuldades frente aos processos de enfrentamento das barreiras físicas e culturais impostas pela



sociedade, ao longo da própria história da pessoa com deficiência. Consideramos que esse trabalho possibilitou a elas um momento de se experimentarem enquanto sujeitos/pessoas independentes de seus filhos e filhas; capazes de encontrarem outros espaços de sociabilidade que não estavam, necessariamente, ligados ao desenvolvimento dos filhos e das filhas. Logo, constatamos que esse espaço de experimentação do princípio somático-performativo *Flâneur Cego*, por meio da oficina, permitiu uma vivência dessas mães consigo próprias e com o outro, bem como ampliou a reflexão sobre o contexto social e político, sobre acessibilidade e inclusão no contexto educacional e urbano, através de uma vivência somático e performativa.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas Coordenação Geral de Saúde da Pessoa com Deficiência. **Censo Demográfico de 2020 e o mapeamento das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília (DF), 2019.
- FALKENBACH, Atos Prinz; DREXSLER, Greice; WERLE, Verônica. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 2065-2073, 2008.
- FERNANDES, Ciane. Princípios Somático-Performativos no Ensino e Pesquisa Em Criação. In: Carole Marceau; Luiz Cláudio Cajaíba Soares. (Org.). **Teatro na Escola**. Reflexões sobre as Práticas Atuais: Brasil-Québec. 1ed.Salvador BA: PPGAC/UFBA, 2013, v. I, p. 105-115.
- FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal: Da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2018.
- FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. **Cidade Cega: Uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador – Bahia, 2018a.
- FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. *Flâneur Cego: uma prática performativa com pessoas com deficiência visual*. **Revista de Estudos Teatrais Pitágoras**, v. 8, p. 59-71, 2018b.



FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. Blind Flâneurs - the research laboratory of Cidade Cega (Blind City). In: Vida L Midgelow; Jane Bacon; Paula Kramer; Rebecca Hilton. (Org.). **Researching (in/as) Motion**. 1ed.Londres: Theatre Academy of the University of the Arts Helsinki, 2019, v. 1, p. 1-8.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições** (Unicamp), v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

*Recebido em 15 de março de 2020*

*Aceito em 30 de junho de 2020*

